



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Análise Comparativa do Correio da Manhã e do Público sobre a presença do tema da Reinserção Social de ex-reclusos na agenda mediática, e suas consequências.

Sara Santos Sequeira

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador(a):

Doutora Catarina Lopes Oliveira Fróis, Professora Associada com Agregação, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador(a):

Doutora Maria Cláudia Silva Afonso e Álvares, Professora Associada com Agregação, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Análise Comparativa do Correio da Manhã e do Público sobre a presença do tema da Reinsersão Social de ex-reclusos na agenda mediática, e suas consequências.

Sara Santos Sequeira

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador(a):

Doutora Catarina Lopes Oliveira Fróis, Professora Associada com Agregação, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador(a):

Doutora Maria Cláudia Silva Afonso e Álvares, Professora Associada com Agregação, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

Agradecimentos

Seria impossível não começar por agradecer aos meus pais, bem como à minha irmã, que, para além de me darem a oportunidade de receber a educação que tenho, sempre me deram o melhor colo que eu podia pedir, por vezes, sem sequer o pedir. Sei que sem vocês, nada na minha vida seria possível. A Luna está incluída nestes agradecimentos pelas noitadas e madrugadas em que me fez companhia, tornando o processo um nadinha menos solitário.

Ao Daniel, que para além de limpar lágrimas e ouvir desabafos, sempre me puxou os pés para a terra, com o carinho e a assertividade nos pontos necessários. Obrigada por seres porto seguro.

À Patrícia e à Carolina, que são mais família que amigas, e que sem elas nunca chegaria onde estou hoje. Que durante este processo souberam acarinhar e proteger, como pouca gente sabe fazer. Obrigada por serem as melhores do mundo.

À Margarida que deixava sempre o rastro de calma e lembrança de que “é só mais um trabalho” a cada conversa. Obrigada por seres a melhor madrinha que alguém podia imaginar, e amiga como pouca gente tem (tenho muita sorte).

Ao Tiago, à Filipa, à Alexandra, à Andreia, ao Miguel, Daniel, e Jorge, que me relembravam todos os dias que a vida é muito mais do que isto, ou qualquer outra coisa, que o mundo é grande e que há muito para ver, juntos.

À Inês e à Isa, que fizeram parte deste processo, tornando-o mais leve, que haja sempre lágrimas para falar.

Por último, mas não menos importante, às minhas orientadoras, Catarina Fróis e Cláudia Álvares, que tornaram esta dissertação possível, mesmo quando eu achava que não e queria, silenciosamente, desistir. Tenho noção da sorte que tive na vossa aceitação com o mestrandia, e levo comigo todo o conhecimento adquirido no decorrer desta escrita e reescrita. Obrigada por tornarem a entrega deste trabalho possível.

Resumo

A presente dissertação investiga a representação da reinserção social na agenda mediática portuguesa, analisando a cobertura jornalística em dois jornais distintos – o jornal de referência *Público* e o jornal popular *Correio da Manhã* – e as implicações que cada abordagem apresenta para a percepção pública e para os processos de reinserção de ex-reclusos.

Para este estudo, foi adotada uma metodologia mista. Uma análise de *framing*, baseada no modelo de Entman (1993), foi aplicada a 37 notícias relativas a quatro acontecimentos de relevância pública entre 2020 a 2024 (a libertação de reclusos no contexto da Covid-19, a entrada em vigor da Lei da Saúde Mental, a amnistia decretada aquando da visita do Papa Francisco, e a fuga de reclusos de Vale de Judeus). Paralelamente, foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com profissionais da comunicação e da reinserção social, analisadas segundo os princípios da *Grounded Theory*.

Tanto as entrevistas, como a análise noticiosa convergem na constatação de que o tema é raramente abordado, e quando o é, apresenta-se de forma tangencial. Os entrevistados sublinharam a predominância do crime como foco noticioso, em detrimento da reinserção social.

As implicações desta "não-noticiabilidade" são significativas, contribuindo para a perpetuação do estigma associado aos ex-reclusos e impedindo a formação de um debate público informado sobre o papel da reinserção na sociedade. Apesar de algumas limitações, como a ausência de jornalistas dos jornais em análise e de ex-reclusos nas entrevistas, e desafios na codificação de *frames*, é possível identificar um vazio noticioso sobre reinserção social, bem como compreender potenciais consequências para os ex-reclusos e para a sociedade em geral.

Palavras-chave: Reinserção Social; Jornalismo; Agenda Mediática; Framing; Ex-reclusos

Abstract

This dissertation investigates the representation of social reintegration in the portuguese media agenda, analyzing journalistic coverage in two distinct newspapers – the broadsheet *Público* and the tabloid *Correio da Manhã* – and the implications of each approach for public perception and the reintegration processes of ex-offenders.

For this study, a mixed methodology was adopted. A framing analysis, based on Entman's model (1993), was applied to 37 news articles related to four publicly relevant events between 2020 and 2024 (the release of inmates in the context of Covid-19, the entry into force of the Mental Health Law, the amnesty decreed during Pope Francis' visit, and the escape of inmates from Vale de Judeus). In parallel, four semi-structured interviews were conducted with communication and social reintegration professionals, analyzed according to the principles of Grounded Theory.

Both the interviews and the news analysis converge on the finding that the topic is rarely addressed, and when it is, it appears tangentially. Interviewees highlighted the predominance of crime as a news focus, to the detriment of social reintegration.

The implications of this "non-newsworthiness" are significant, contributing to the perpetuation of stigma associated with ex-offenders and preventing the formation of an informed public debate about the role of reintegration in society. Despite some limitations, such as the absence of journalists from the analyzed newspapers and ex-offenders in the interviews, and challenges in framing coding, it is possible to identify a news void regarding social reintegration, as well as to understand potential consequences for ex-offenders and society as a whole.

Keywords: Social Reintegration; Journalism; Media Agenda; Framing; Ex-prisoners

Índice

| | |
|--|-----|
| Agradecimento | i |
| Resumo | iii |
| Abstract | v |
| Capítulo 1. Introdução | 1 |
| Capítulo 2. Revisão da Literatura | 3 |
| 2.1. Jornalismo | 3 |
| 2.2. Jornalismo de referência | 4 |
| 2.3. Jornalismo popular | 4 |
| 2.4. Valores-notícia | 5 |
| 2.5. Framing | 6 |
| 2.6. Sensacionalismo | 7 |
| 2.7. Agenda-setting | 8 |
| 2.8. Do crime à Reinserção Social | 8 |
| 2.9. Presença na Agenda Mediática | 10 |
| Capítulo 3. Metodologia | 13 |
| 3.1. <i>Público</i> | 13 |
| 3.2. <i>Correio da Manhã</i> | 14 |
| 3.3. Período temporal e eventos em análise | 14 |
| 3.4. Entrevistas | 15 |
| 3.5. Levantamento noticiário | 16 |
| 3.6. Operacionalização | 17 |
| Capítulo 4. Resultados e Discussão | 19 |
| 4.1. Análise das Entrevistas | 19 |
| 4.2. Análise das Notícias | 23 |
| 4.3. Interpretação dos resultados | 25 |
| 4.4. Articulação com a leitura | 29 |
| 4.5. Discussão expandida | 29 |
| Capítulo 5. Conclusões | 33 |
| Referências Bibliográficas | 37 |

Índice de Figuras

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Análise quantitativa de notícias (elaboração própria) | 24 |
| Anexo 1 – Guião de entrevista semiestruturada a jornalistas | 41 |
| Anexo 2 – Guião de entrevista semiestruturada a técnicos de reinserção social | 43 |

CAPÍTULO 1

Introdução

A presente dissertação parte de uma questão central: de que modo a reinserção social é representada – ou ausente – na agenda mediática portuguesa, e quais as implicações desse enquadramento para a percepção pública e para os processos de reintegração de ex-reclusos?

Com base nesta questão, definem-se três objetivos específicos: (i) analisar a visibilidade e o enquadramento noticioso da reinserção social em dois jornais de natureza distinta – o *Público*, representativo do jornalismo de referência, e o *Correio da Manhã*, exemplo de jornalismo popular; (ii) comparar as estratégias discursivas, valores-notícia e *frames* predominantes nas duas publicações; e (iii) recolher percepções de profissionais da comunicação e da reinserção social sobre o modo como este tema é abordado nos media.

A pertinência do estudo decorre do lugar ambivalente que a reinserção ocupa no debate público. Por um lado, a reintegração dos ex-reclusos é reconhecida pela legislação portuguesa como objetivo último da pena de prisão, e pela literatura como peça essencial para reduzir a reincidência, aumentar a segurança pública e promover a coesão social. Por outro, a atenção mediática tende a privilegiar temas como criminalidade, funcionamento dos estabelecimentos prisionais ou trabalho dos guardas, o que levanta a questão de saber em que medida a reinserção é objeto de cobertura jornalística sistemática ou permanece relegada para segundo plano.

Para responder a este problema, mobilizou-se uma estratégia metodológica mista. Foram analisadas 37 notícias relativas a quatro acontecimentos com elevada saliência pública (a libertação de reclusos no contexto da Covid-19, a entrada em vigor da Lei da Saúde Mental em 2023, a amnistia decretada aquando da visita do Papa Francisco em 2023 e a fuga de reclusos de Vale de Judeus em 2024). Em paralelo, realizaram-se quatro entrevistas semiestruturadas com profissionais da comunicação e da reinserção social. A análise do corpus noticioso recorreu ao modelo de *framing* de Entman (1993), enquanto as entrevistas foram exploradas com base nos princípios da *Grounded Theory*, permitindo a emergência de categorias indutivas.

A dissertação organiza-se em quatro capítulos. O Capítulo 1 apresenta a introdução, clarificando a questão de investigação, os objetivos, a relevância do estudo e a metodologia seguida. O Capítulo 2 corresponde à revisão de literatura, discutindo os conceitos de jornalismo de referência e popular, valores-notícia, *framing*, sensacionalismo, agenda-setting e reinserção

social. O Capítulo 3 expõe a metodologia em detalhe, descrevendo a recolha de dados e os procedimentos analíticos. O Capítulo 4 integra a apresentação e a discussão dos resultados, articulando os dados das entrevistas com a análise noticiosa e dialogando com a literatura previamente analisada. Por fim, as conclusões retomam a questão de partida, sintetizam os contributos, reconhecem as limitações e apontam direções para futuras investigações.

CAPÍTULO 2

Revisão de Literatura

2.1. Jornalismo

São várias as definições propostas para o jornalismo, mas todas convergem na identificação do seu objetivo principal: informar. Ferreira observa que, tradicionalmente, o jornalismo era visto como um elo essencial entre informação e democracia: os jornalistas relatavam os acontecimentos, os cidadãos liam esses relatos e, a partir daí, formar-se-ia uma opinião pública capaz de articular a vontade popular com a ação política (Ferreira, 2018, p. 138).

Correia acrescenta que o jornalismo desempenha um papel fundamental na definição da agenda pública, na formação da opinião, na construção de conhecimento e na redução da complexidade social, através da criação de temas comuns de conversação. Sublinha também o papel dos media informativos na atração de visibilidade sobre determinados temas e no encerramento da agenda mediática em torno de assuntos que captam a atenção do público (Correia, 2011, pp. 13 - 16).

Ao definirmos jornalismo, torna-se inevitável reconhecer a importância da opinião pública e do próprio público. Esta centralidade pode justificar-se pelo facto de serem precisamente estes dois conceitos a moldar o jornalismo contemporâneo. Borges refere que a opinião pública funciona como um “tribunal” que legitima e fiscaliza o exercício do poder político, expressando a voz de um público esclarecido (Borges, 2014, p. 86).

Falamos, portanto, de um plano comunicacional que pode ser aceite ou rejeitado, e que é usualmente identificado com o conceito de agenda-setting. McCombs explica que os leitores não só aprendem sobre um determinado assunto através da leitura, como também lhe atribuem maior ou menor importância consoante a frequência e o destaque com que esse tema é tratado nos media – seja pela quantidade de notícias publicadas, seja pela forma como estas são posicionadas editorialmente (McCombs & Shaw, 1972, p. 106).

Tendo sido enquadrado o conceito de jornalismo, importa agora distinguir os seus vários géneros. Embora o objetivo último – informar – seja comum, os meios utilizados e os estilos adotados diferenciam as várias formas de jornalismo. Neste trabalho, será dada especial atenção ao jornalismo de referência e ao jornalismo popular.

2.2. Jornalismo de referência

O jornalismo de referência caracteriza-se, segundo Zamin (2014, p. 931), por qualidades como tradição, prestígio e credibilidade; serve de modelo a outros jornais e foca-se em áreas como política, economia e assuntos internacionais.

Este tipo de jornalismo pretende que o leitor reflita e analise por si próprio temas de relevância pública. Caracteriza-se pelo rigor, exatidão, independência e objetividade, afastando-se do sensacionalismo (Duarte, 2013, p. 18). Embora o sensacionalismo não seja o único fator diferenciador, é seguramente um dos mais significativos. Trata-se, contudo, de um conceito complexo, que será abordado mais adiante. Outro ponto de diferenciação é a finalidade pedagógica que este género frequentemente assume: o jornalismo de referência tende a ter um papel formativo junto do público (Vaz, 2020, p. 160).

A curiosidade é um traço inerente à natureza humana, e o jornalismo não escapa a essa lógica, evidenciando uma propensão para noticiar crimes, o que se revela eficaz no aumento de audiências. Como refere Vaz (2020, p. 153), as notícias sobre criminalidade despertam grande interesse, o que permite aumentar as vendas e fazer subir as audiências.

2.3. Jornalismo popular

Importa desde já ressalvar que o jornalismo popular não surgiu como uma resposta ao jornalismo de referência, nem foi por este antecedido. Ambos coexistem desde as origens do jornalismo, servindo objetivos e públicos distintos, criando diferentes reações e pensamentos, consoante o público em causa (Neveu, 2017, p. 1304).

O jornalismo popular caracteriza-se por valorizar emoções, polémicas e controvérsias, interessando-se sobretudo pelos sentimentos humanos e alimentando-se de debates que geram envolvimento emocional (Duarte, 2013, p. 25). Uribe e Gunter identificam-nos três características estruturais do género jornalístico *tabloid*, que ajudam a enquadrar o jornalismo popular: variedade, referente ao espaço dado a cada temática, por exemplo da informação em detrimento do entretenimento; formato, com predominância de representações visuais, em oposição ao modo tradicional de apresentação de texto; e por último, o estilo, marcado pela maior utilização de uma abordagem mais pessoal na narração de notícias (Uribe & Gunter, 2004, p. 390).

Em modo de sumário, Sparks, citado por Steenveld e Strelitz (2010, p. 534) identifica que todos os *tablois* incluem três traços primordiais: o sensacionalismo, a personalização e o foco em assuntos privados. Gipsud identifica que tal utilização de emoções nos *tabloids* pode ser justificada pela universalidade, na medida em que todo o ser humano experiencia emoções, independentemente da sua posição social (Stenveld & Strelitz, 2010, p. 537). Para além de poder potenciar uma proximidade entre os temas políticos e os cidadãos, criando uma menor ponte entre a esfera privada e pública (Turner, 1999, p. 62).

O sensacionalismo, tema frequentemente associado ao jornalismo popular, é também objeto de debate. O jornalista Alberto Dines sublinha que, na essência, toda a comunicação contém um elemento sensacionalista, já que mobiliza sensações físicas e psíquicas. Por esse motivo, argumenta que toda a imprensa, de alguma forma, recorre ao sensacionalismo (Rabaça et al., 1995, p. 48).

Ainda Dines propõe que, em vez da expressão imprensa sensacionalista, se utilize imprensa popular, por ser menos parcial e menos valorativa (Rabaça et al., 1995, p. 49). Também Turner (1999, p. 60) observa que os *tabloids* tendem a sacrificar a informação em detrimento do entretenimento, apostando na comercialização da vida moderna, rejeitando os valores tradicionais dos media, ou até mesmo da política (Turner, 1999, p. 60).

2.4. Valores-notícia

Vos e Finneman argumentam que os eventos, por si só, não possuem drama. Antes, esse evento é narrado de forma dramática, de modo que se potencie a carácter de notícia (Vos & Finneman, 2017, p. 277), e os valores-notícia referem-se aos critérios que determinam a possibilidade de passagem de um evento ao estatuto de notícia. Estes valores não só definem prioridades editoriais, como também estabelecem um terreno operativo comum entre jornalistas, tornando o processo de seleção noticiosa mais explícito e transparente (Harcup & O'Neill, 2017, p. 1470-1471).

A partir de um estudo empírico, os autores identificaram um conjunto de valores recorrentes. Entre eles estão: *power elite*, que remete para o interesse jornalístico em indivíduos poderosos; *celebrity*, referente a figuras públicas famosas, ainda que não necessariamente influentes politicamente; *entertainment* e *surprise*, associados ao apelo emocional e à curiosidade humana; *bad news* e *good news*, isto é, acontecimentos negativos ou positivos de

interesse geral; magnitude, avaliado pelo número de pessoas envolvidas ou pelo impacto social do acontecimento; *relevance*, relativa à pertinência do tema abordado; follow-up, entendido como a recorrência de temas já presentes na agenda mediática; e *newspaper agenda*, que reconhece que cada jornal possui a sua própria orientação editorial.

Com o evoluir das práticas jornalísticas e das transformações sociais, Harcup e O'Neill propõem ainda a inclusão de seis valores adicionais: *timeliness* (atualidade), *relevance* (reforçada), *identification* (proximidade com o público), *conflict*, *sensation* e *exclusivity*. Estes novos critérios complementam os anteriores, refletindo o dinamismo do campo jornalístico.

Os autores salientam, no entanto, que há fatores arbitrários que, embora não sejam formalmente considerados valores-notícia, influenciam a produção jornalística. Entre estes incluem-se a sorte (*luck*), a conveniência (*convenience*) e o acaso feliz (*serendipity*). Estes elementos evidenciam que, mesmo num campo amplamente estudado, há sempre um espaço de indeterminação marcado pelo inesperado – um terreno onde decisões editoriais são influenciadas por circunstâncias imprevistas.

Caple acrescenta que as listas referentes aos valores-notícia têm sofrido alterações ao longo do tempo, variando consoante autores, contextos, e espaços temporais, o que dificulta a existência de um conjunto universalmente aceite. O que parece prevalecer é o ciclo de comunicação das notícias, que compreende processos de seleção, distorção e replicação. Revelando-se como mais estável (Caple, 2018, p. 3).

Se os valores-notícia ajudam a explicar a seleção do que é reportado, o *framing* permite compreender como esses mesmos acontecimentos são narrados e organizados discursivamente.

2.5. Framing

Para compreender a relevância do conceito de *framing*, é necessário reconhecer o seu significado: trata-se de um processo através do qual certos elementos de uma mensagem são incluídos e outros excluídos, de acordo com princípios organizadores da comunicação (Correia, 2011, p. 49).

Este enquadramento não apenas estrutura as notícias, como também possui uma valência inerente, ou seja, a capacidade de influenciar a percepção pública ao sugerir, por exemplo, aspectos positivos ou negativos de uma questão, possíveis soluções ou enquadramentos

interpretativos. Deste modo, os *frames* podem influenciar o apoio público a determinadas medidas políticas (Vreese & Boomgaarden, 2003, p. 362).

Importa sublinhar que os *frames* não surgem de forma neutra: são moldados pelos quadros interpretativos trazidos por diversos atores sociais, como elites políticas ou movimentos sociais (Ryan, Carragee & Meinhofer, 2001, p. 176). Além disso, os *frames* não são fixos; variam ao longo do tempo consoante a gestão de prioridades dos jornalistas e os sentidos que estes atribuem aos acontecimentos à medida que constroem narrativas noticiosas.

A importância do *framing* não se esgota na delimitação temática. Como referem Vreese e Boomgaarden, os *frames* com valência emocional têm um impacto mais acentuado na opinião pública, especialmente no apoio ou rejeição de medidas políticas. Os autores concluem que os *frames* valenciados são mais eficazes na formação de apoio público a determinadas políticas, do que os *frames* neutros (Vreese & Boomgaarden, 2003, p. 376). D'angelo aliás prossegue com a mesma ideia quando reforça as 4 localizações que as *frames* apresentam no processo de comunicação mediática, outrora apresentadas por Entam, sendo identificadas como: o comunicador; o texto; o recetor e a cultura. Apesar de todas apresentarem um papel fundamental, focar-nos-emos no terceiro e quarto elemento

O terceiro ponto identifica que as *frames* têm uma interação inerente entre o cognitivo e o comportamento social do recetor, funcionando com uma função dupla, como sendo os mapas mentais outrora construídos e os dispositivos incorporados nos discursos políticos. Terminando com a ideia de que em termos cognitivos, estas *frames* existem como conhecimento prévio, utilizado pelos indivíduos para processar eficientemente a informação veiculada nos *frames* relacionados com notícias. O quarto ponto, identificado como a cultura, não sendo a aceção comum da mesma, mas sim como o conjunto de discursos partilhados socialmente. Neste sentido, assume-se que os *frames* estruturam a mensagem desses discursos, como também fomentam o discurso sobre problemas sociais ou políticos (D'angelo, 2002, p. 873 - 874).

2.6. Sensacionalismo

De forma sucinta, o sensacionalismo pode ser entendido como um estilo jornalístico caracterizado por exageros intencionais na apresentação de acontecimentos, com o intuito de emocionar ou escandalizar o *Público*. Trata-se, nas palavras de Rabaça e Barbosa (1995, p. 48), de uma estratégia de dramatização que visa captar a atenção do leitor.

Como já referido, o sensacionalismo está presente em grande parte da prática jornalística, o que dificulta a distinção clara entre diferentes tipos de jornalismo. A separação possível reside na valência do sensacionalismo: o sensacionalismo positivo, que procura focar a atenção do público em temas relevantes e informativos, e o sensacionalismo negativo, que explora emoções negativas, escândalos e acontecimentos chocantes (Rabaça & Barbosa, 1995, p. 49).

Neste contexto, Khawar e Boukes (2024, p. 4) distinguem duas formas de sensacionalismo com base no conteúdo: uma vertente ligada ao entretenimento e à captação da atenção (casos de crime, violência ou desastres naturais), e outra associada a conteúdos “apropriados”, que promovem o conhecimento político e social, como proposto por Larbaoui, De Swert e van der Brug (2020). Sparks reforça esta distinção através da dicotomia entre *soft news* e *hard news*, respetivamente. Onde, apesar de reconhecer a simplificação destes conceitos como um problema, o autor admite que ambas as abordagens se encontram no espírito do jornalismo, mesmo que em polos opostos. Apresentando como consequência, o facto de tanto “*jornal of record*” e o “*true tabloid*” negligenciarem frequentemente o carácter multidimensional do jornalismo (Peters, 2011, p. 300).

Os autores identificam ainda vários elementos que contribuem para a construção do sensacionalismo nos media contemporâneos: *hyperbole*, *forward referencing*, *listicles*, estrutura interrogativa, uso de maiúsculas (*all-caps*), *emojis*, *hashtags*, pontuação informal, gíria da internet e uso intensivo de imagens (Khawar & Boukes, 2024, pp. 5–6). Estas características atravessam diferentes níveis da linguagem jornalística, desde a estrutura sintática e as escolhas lexicais até à adoção de um estilo mais informal.

2.7. Agenda-setting

Para além dos valores-notícia e das rotinas profissionais que moldam a produção jornalística, importa destacar o papel do *agenda-setting* enquanto processo estruturante da visibilidade mediática. Amplamente estudado desde McCombs e Shaw (1972), o *agenda-setting* remete para a capacidade dos media de influenciar não apenas aquilo sobre o qual o público pensa, mas também a importância que atribui a cada tema. Ao escolherem e hierarquizarem os assuntos que chegam à esfera pública, editores e jornalistas exercem, portanto, um papel ativo na construção da realidade social e política.

McCombs (1972, p. 106) demonstrou que os cidadãos não apenas tomam conhecimento dos temas destacados pelos media, como lhes conferem maior relevância em função do espaço e da frequência que lhes é atribuído. Wolfe de Figueiredo (1987, pp. 62–63) distinguem mesmo dois níveis: por um lado, a definição da “ordem do dia” — os temas que entram na agenda mediática; por outro, a sua hierarquia, ou seja, a prioridade relativa que recebem. Correia (2011, p. 16) reforça que os meios de comunicação funcionam como agentes de visibilidade, selecionando, organizando e polarizando o foco do público em determinados assuntos.

Todavia, esta influência não deve ser entendida de forma unilateral. Em sociedades democráticas, o *agenda-setting* resulta de uma interação dinâmica entre media e público: apenas os temas que encontram eco social se mantêm em destaque, como lembra Midões (2007, pp. 12–13). A própria seleção noticiosa nunca é neutra: os media apresentam pontos de vista que podem coincidir com os interesses de elites políticas ou económicas, mas também com quadros culturais mais amplos.

No plano empírico, uma das formas mais comuns de analisar o *agenda-setting* é através da frequência com que os temas são abordados. Foi precisamente este o critério adotado nesta investigação, ao observar-se a presença (ou ausência) da reinserção social nos jornais em estudo.

Se o *agenda-setting* explica de que modo os media seleccionam e hierarquizam temas, importa agora deslocar o olhar para o objeto específico desta investigação: o crime e a reinserção social, cuja presença ou ausência na agenda mediática permite avaliar a forma como determinados fenómenos são amplificados e outros permanecem silenciados.

2.8. Do Crime à Reinserção Social

A análise da reinserção social exige partir do ponto inicial do processo: a prática de um crime e a consequente reclusão. De acordo com o Código de Processo Penal¹ português, o crime corresponde ao “conjunto de pressupostos de que depende a aplicação ao agente de uma pena ou de uma medida de segurança criminais”. O artigo 43.º acrescenta que a pena de prisão visa não apenas a defesa da sociedade e a prevenção da criminalidade, mas também a reintegração do condenado na comunidade.

¹ <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/1987-34570075-206194952>

A prisão, entendida como instituição destinada ao cumprimento das penas aplicadas judicialmente (Ahmad, Ashraf & Ahmad, 2017, p. 26), tem sido alvo de diversas leituras críticas. Foucault (2013, p. 326) descreve-a não apenas como um dispositivo corretivo, mas também como mecanismo de disciplina e de reprodução de normas sociais.

Neste quadro, a reinserção social assume-se como objetivo último da pena. A legislação portuguesa estabelece que o plano de reinserção deve incluir metas de ressocialização, atividades a desenvolver, o seu faseamento e as medidas de apoio e vigilância a cargo dos serviços competentes (artigo 42.º). Trata-se de orientar o indivíduo para uma vida responsável e sem crime.

A literatura reforça que esta transição é complexa. Aggari, Cabael e Peralta (2025, p. 2) sublinham que a reinserção contribui para reduzir a reincidência, aumentar a segurança pública e promover o bem-estar da comunidade. Visher e Travis (2003, p. 91) identificam quatro dimensões cruciais neste processo: características individuais, relações familiares, contextos comunitários e políticas do Estado. Ahmad et al. (2017, p. 27) acrescentam que a reinserção deve começar ainda dentro da prisão, como parte de um continuum de cuidados que se prolonga após a libertação, envolvendo serviços prisionais, autoridades locais e sociedade civil.

Ainda que a legislação e a literatura académica sublinhem a centralidade da reinserção social como objetivo último da pena, essa dimensão permanece largamente invisível no espaço público mediático. Esta discrepância entre o plano normativo e o plano comunicacional torna-se particularmente relevante para compreender o modo como o crime, ao contrário da reinserção, adquire saliência na agenda jornalística.

2.9. Presença na Agenda Mediática

Apesar da centralidade da reinserção social no plano normativo e político, importa questionar até que ponto esta dimensão encontra espaço na esfera pública mediática. Como a literatura tem demonstrado, o crime ocupa de forma recorrente a agenda jornalística, tanto como fonte de informação, como de entretenimento (Jewkes, 2015). Notícias de criminalidade cumprem valores-notícia ligados à negatividade e à dramatização, funcionando como elementos privilegiados da “cultura do medo” (Altheide & Coyle, 2006).

O sensacionalismo amplifica esse efeito, transformando o crime em espetáculo (Khawar & Boukes, 2024). Ao dar destaque desproporcionado a crimes violentos, os media contribuem para reforçar sentimentos de insegurança (Albino, 2004, p. 275). Esse processo pode gerar

fenómenos de “amplificação do desvio” (Wilkins, 1964), em que a rotulagem mediática de determinados comportamentos como desviantes não apenas os estigmatiza, mas também acentua a sua visibilidade social. Giddens (2008, p. 213) ilustra este mecanismo com o pânico moral gerado em torno dos Mods e Rockers, alimentado por uma cobertura mediática excessiva e sensacionalista.

Neste contexto, a reinserção social permanece amplamente invisível. Tanto o jornalismo de referência, como o *Público*, quanto o jornalismo popular, como o *Correio da Manhã*, privilegiam a dramatização do crime e dedicam escassa atenção ao processo de reintegração dos ex-reclusos. Como questiona Frois (2020, p. 15): “quem conhece realmente a prisão, para além dos guardas, reclusos, visitantes e profissionais ali presentes?”. Esta invisibilidade mediática tem implicações diretas: perpetua estigmas sociais, limita o debate público informado e dificulta a legitimação de políticas de reinserção.

Assim, a revisão de literatura permitiu identificar três aspectos centrais: a centralidade do crime na agenda mediática, o caráter marginal da reinserção social e a tendência para o sensacionalismo que atravessa diferentes géneros jornalísticos. Esta constatação fundamenta a escolha metodológica do presente estudo. Por um lado, a teoria do *framing* (Entman, 1993) fornece o quadro analítico necessário para compreender de que forma os media selecionam, salientam e organizam discursivamente os acontecimentos ligados à criminalidade e à reinserção. Por outro, a *Grounded Theory* oferece um instrumento indutivo adequado para captar categorias emergentes a partir dos dados empíricos, sobretudo nas entrevistas, permitindo articular as percepções dos profissionais com os padrões discursivos observados nas notícias. Ao conjugar estas duas abordagens, a investigação procura responder ao vazio identificado: perceber como, quando e com que implicações a reinserção social entra — ou permanece ausente — da agenda mediática portuguesa.

CAPÍTULO 3

Metodologia

O objetivo central desta investigação é analisar a presença – ou ausência – da temática da reinserção social na agenda mediática portuguesa, procurando igualmente compreender de que modo é noticiada em dois jornais com perfis distintos: o jornal de referência *Público* e o jornal popular *Correio da Manhã*. Pretende-se, ainda, avaliar em que medida a noticiabilidade do crime e da reinserção social pode impactar os próprios processos de reintegração de ex-reclusos, recorrendo para tal a dados empíricos provenientes de entrevistas.

Assim, a questão de investigação que norteia o estudo pode ser formulada da seguinte forma: De que modo a reinserção social é representada nos jornais *Público* e *Correio da Manhã*, e quais as implicações dessa representação para a agenda mediática e para a percepção pública da reintegração de ex-reclusos?

Para responder, foram definidos três objetivos específicos:

1. Identificar a visibilidade e o enquadramento noticioso da reinserção social em dois jornais de natureza distinta;
2. Comparar estratégias discursivas, valores-notícia e *frames* predominantes nas duas publicações;
3. Aferir percepções de profissionais da comunicação e da reinserção social sobre a cobertura mediática deste tema.

3.1. *Público*

O jornalismo de referência a ser analisado nesta dissertação será representado pelo *Público*. O jornal teve a sua primeira edição em 1990, procurando desde o início responder a “(...) padrões de exigência mais elevados, regras de comportamento mais apertadas (...)” (*Público*, 2005, p. 7). No seu Estatuto Editorial, define-se como “um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica” (*Público*, 2005, p. 21).

O *Público* assume-se, assim, como um jornal generalista, que cobre várias áreas de interesse público, recusando explicitamente o sensacionalismo e apostando numa tradição europeia de jornalismo de qualidade. A sua linha editorial privilegia o rigor, a independência e a credibilidade, procurando contribuir para uma esfera pública informada e exigente.

3.2. Correio da Manhã

O *Correio da Manhã* surgiu em 1979 pela iniciativa do jornalista Vítor Direito, que anteriormente tinha trabalhado no *Diário de Lisboa*, *República* e *A Luta*. Fundado em reação ao modo como a política era então abordada na imprensa, o jornal afirmou-se desde cedo como o primeiro tabloide português, tanto no grafismo como no conteúdo.

O jornalismo tabloide, segundo Grabe e Kleemans (2012, p. 1), caracteriza-se por um maior foco no sensacional, recorrendo a técnicas específicas para tornar os acontecimentos mais apelativos ao público. Esta associação entre jornalismo popular e sensacionalismo, frequentemente debatida, aplica-se ao *Correio da Manhã*, que reivindica no seu Estatuto Editorial a utilização do sensacionalismo como recurso expressivo, ainda que “(...) respeitando as normas deontológicas que regem a profissão nas democracias (...)” (Estatuto Editorial CM).

Este ponto levanta uma aparente contradição: o Estatuto do Jornalista em Portugal, publicado no *Diário da República*, estipula que um dos deveres do jornalista é “a) Informar com rigor e isenção, rejeitando o sensacionalismo” (Artigo 14.º). Assim, enquanto o *Correio da Manhã* assume o sensacionalismo como ferramenta, a deontologia jornalística consagrada na lei impõe o seu afastamento, evidenciando tensões na prática editorial deste jornal.

3.3. Período temporal e eventos em análise

Para estruturar o corpus noticioso, adotou-se um processo de recolha sistematizado e faseado, orientado pelos quatro eventos que emitiram forte impacto público:

1. Covid-19² (2020–2022) – libertação antecipada de reclusos para reduzir o risco de contágio;

² <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/9-2020-131338919>

2. Lei da Saúde Mental – Lei n.º 35/2023, de 21 de julho³, em vigor desde 20 de agosto de 2023, tendo revogado a legislação anterior de 1998 e introduzido garantias reforçadas de liberdade e autonomia, além de regulamentar a cessação de medidas de internamento indefinidas para cidadãos inimputáveis;
3. Amnistia papal – Lei n.º 38-A/2023, de 2 de agosto⁴, que estabeleceu perdão de penas e amnistia para jovens entre 16 e 30 anos por ocasião da Jornada Mundial da Juventude;
4. Fuga de reclusos do Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus (setembro de 2024).

Num primeiro momento, a pesquisa nos websites dos jornais com a expressão “reinserção social” revelou-se pouco eficaz. Por isso, optou-se por centrar a recolha noticiosa nesses eventos-chave, escolhendo cerca de cinco matérias por evento e por jornal, o que permitiu garantir comparabilidade entre *Público* e *Correio da Manhã*.

Foram aplicados critérios de inclusão rigorosos, restringindo-se o corpus a peças factuais publicadas entre 2020 e 2024, relativas a acontecimentos ocorridos em Portugal, com exclusão de artigos de opinião, crónicas ou géneros interpretativos. Uma vez delimitado o corpus, a investigação recorreu a uma estratégia de métodos mistos, articulando entrevistas semiestruturadas com o levantamento e análise de notícias. Neste quadro, foram mobilizadas duas referências metodológicas complementares: a *Grounded Theory*, aplicada sobretudo à análise das entrevistas e responsável pela construção indutiva das categorias analíticas, e a teoria do *framing* de Entman (1993), que serviu de enquadramento conceptual para a interpretação da cobertura noticiosa, permitindo compreender os mecanismos de seleção, saliência e organização discursiva.

3.4. Entrevistas

Nilson Lage define a entrevista como “o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (Lage, 2001, p. 32). Esta foi precisamente a finalidade da sua utilização neste estudo: recolher informação diretamente junto de profissionais ligados à comunicação e à reinserção social.

³ <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/35-2023-215980339>

⁴ <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/38-a-2023-216630826>

Camalhão e Casanova (2012, p. 5) reforçam a importância do papel da teoria na construção de índices e indicadores, lembrando que a operacionalização empírica deve assentar em bases teóricas validadas. Foi a partir desse princípio que se elaborou o guião das entrevistas, sustentado em leituras teóricas prévias.

Optou-se por entrevistas semiestruturadas, permitindo flexibilidade e maior profundidade na exploração dos temas. Estas tiveram uma dupla função: apoiar a construção de um sistema de códigos que seria posteriormente aplicado às notícias e recolher percepções sobre a forma como a reinserção social é representada nos media portugueses.

No total foram entrevistados quatro profissionais: dois ligados à comunicação social e dois à reinserção social. A amostra, de conveniência, ficou limitada pela ausência de resposta de jornalistas diretamente associados ao *Público* e ao *Correio da Manhã*. Apenas um entrevistado tinha ligação ao *Correio da Manhã*, embora não no setor específico de crime e justiça. Já os profissionais da reinserção social mostraram-se mais disponíveis. Os guiões abrangeram temas como a percepção do tratamento mediático da reinserção social, a identificação de discrepâncias entre órgãos de comunicação e a eventual existência de contactos prévios de jornalistas relativamente a esta temática.

A análise das entrevistas seguiu os princípios da *Grounded Theory*. O processo de codificação permitiu identificar categorias emergentes – como, por exemplo, a construção do “recluso como ameaça”, a percepção da “reinserção como tema invisível” ou a crítica ao “sensacionalismo mediático” – que foram mais tarde integradas na análise noticiosa.

3.5. Levantamento noticioso

O corpus noticioso foi constituído por 37 peças: 18 do *Público* e 19 do *Correio da Manhã*. A amostra foi equilibrada em torno dos quatro eventos já referidos, com cerca de cinco notícias sobre cada acontecimento em cada jornal.

O processo de recolha de dados foi sistematizado e faseado. Num primeiro momento, realizou-se uma pesquisa alargada nos websites de cada jornal, mas a utilização da palavra-chave “reinserção social” revelou-se pouco produtiva. Assim, optou-se por centrar a recolha noticiosa nos quatro eventos previamente identificados como balizas temporais e temáticas da análise. Para cada evento foram selecionadas cerca de cinco notícias em cada jornal, assegurando a comparabilidade entre o *Público* e o *Correio da Manhã*.

Foram definidos critérios de inclusão claros: apenas se consideraram notícias factuais publicadas entre 2020 e 2024, relativas a acontecimentos ocorridos em Portugal. Excluíram-se artigos de opinião, colunas e crónicas, de forma a garantir a consistência e comparabilidade do corpus.

Este levantamento, assumidamente exploratório, não procurou assegurar representatividade estatística. O objetivo foi antes permitir a análise comparativa entre dois modelos jornalísticos distintos – um jornal de referência e um tabloide popular – sobre a forma como abordaram a reinserção social em contextos de elevada saliência pública.

A análise das notícias combinou uma dimensão quantitativa, destinada a aferir a frequência e a visibilidade do tema, e uma dimensão qualitativa, centrada na análise discursiva e lexical orientada pela teoria do *framing* de Entman.

3.6. Operacionalização

A operacionalização combinou a *Grounded Theory* e a teoria do *framing*, articulando de forma complementar os dois métodos. A *Grounded Theory* foi aplicada sobretudo à análise das entrevistas, permitindo a emergência indutiva de categorias, posteriormente aplicadas ao corpus noticioso. O *framing*, por seu lado, forneceu o quadro conceptual que orientou a interpretação das notícias, evidenciando a forma como estas estruturaram a informação através da definição de problemas, da atribuição de causalidades, da formulação de juízos de valor e da sugestão de soluções.

O processo desenvolveu-se em etapas sucessivas: transcrição integral das entrevistas; codificação aberta e axial dos seus conteúdos; integração das categorias resultantes na análise noticiosa; e aplicação das dimensões do *framing* às peças selecionadas. Para apoiar todo o trabalho recorreu-se ao software MAXQDA, que permitiu organizar categorias, contabilizar ocorrências e analisar coocorrências entre códigos.

Em todas as fases foram respeitados os princípios de rigor da *Grounded Theory*: a comparação constante, a abertura a diferentes perspetivas, o distanciamento analítico e uma postura crítica face aos dados. Reconhece-se, contudo, a limitação da amostra reduzida de entrevistas e de notícias, o que reforça o carácter exploratório da investigação.

CAPÍTULO 4

Resultados e Discussão

4.1. Análise das Entrevistas

Para a presente investigação foram conduzidas quatro entrevistas semiestruturadas, com o intuito de obter uma abordagem exploratória ao tema da cobertura noticiosa portuguesa sobre a reinserção social. A seleção dos entrevistados visou assegurar diversidade de perspetivas, incluindo dois profissionais da comunicação social e dois profissionais da área da reinserção social.

Após transcritas, as entrevistas foram analisadas segundo os princípios da *Grounded Theory*, através de um processo de codificação aberta e axial que permitiu a emergência de quatro grandes categorias:

- Trajetória profissional, contextualizando o percurso dos entrevistados;
- Consideração sobre a comunicação, com reflexões gerais sobre o setor, subcodificadas em ‘sensacionalismo’ e ‘trabalhar na comunicação’;
- Consideração da comunicação sobre a reinserção social, centrada nas consequências mediáticas do tratamento (ou ausência) do tema;
- Cultura portuguesa, que destacou percepções sobre consumo noticioso e estigma face a ex-reclusos.

É crucial que se dê a conhecer a trajetória dos profissionais em causa, nesse sentido, e como identificado anteriormente, foram entrevistados dois agentes de reinserção social, e dois jornalistas.

O Entrevistado 1 conta com 10 anos de experiência profissional, sendo que os últimos 3 decorrem na Reshape. A sua formação académica esteve ligada à área de atuação atual: "(...) sou licenciado em Direito. Fiz também um mestrado nesta área e estou a concluir o doutoramento no mesmo sentido."

A Entrevistada 2, agente de reinserção social, trabalha na Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais há 5 anos, tendo atuado em meio prisional na Área Metropolitana de Lisboa,

e atualmente na Área Metropolitana do Porto. A sua formação de base é igualmente em Direito, quer ao nível da Licenciatura como ao nível do Mestrado que está a completar.

No que diz respeito às entrevistadas a exercer na área do jornalismo, ambas se encontram no mercado de trabalho, na área de atuação em causa há 2 anos, ambas com uma licenciatura na área da Comunicação, e uma Pós-graduação em jornalismo e comunicação social.

A Entrevistada 3 trabalhou para cinco jornais distintos, iniciando com "estágio no *Gerador* mais com a área de social. Neste caso até acho que diria melhor social, porque as reportagens que fiz eram muito extensas. Pelo meio, fui fazendo algumas coisas independentes como por exemplo, o *BUALA*, e aí era freelance. E depois fui para a *SIC Notícias*, onde estive a fazer redes sociais, maioritariamente. Entretanto, vim para o *Notícias ao Minuto*. E aqui já estou um bocadinho afastada dessa área, porque comecei na fama".

A Entrevistada 4 iniciou o seu percurso profissional com um estágio na Rádio *Santiago*, seguindo para o *Correio da Manhã* onde se encontra há dois anos, "a minha secção abrange a cultura, televisão e mídia, e depois também estou no mundo do social, ou seja, basicamente tudo o que seja aquelas notícias de revistas cor-de-rosa, etc."

Entre as categorias outrora identificadas, a mais relevante para a presente investigação foi a da comunicação sobre a reinserção social, por estar diretamente associada à questão de investigação. De forma consensual, os entrevistados reconheceram a escassa noticiabilidade da reinserção, em contraste com a centralidade que o crime assume nos meios de comunicação social. Uma jornalista sintetizou: "Eu não consigo pensar numa única notícia que seja sobre a reinserção social, mas consigo pensar em 500 ou 1000 notícias sobre crime" (Entrevistada 4). O Entrevistado 1, por seu turno, identifica de forma clara esta ausência de notícias sobre reinserção social de ex-reclusos da seguinte forma: "O ponto é mais a escassez de comunicação ou o desinteresse comunicacional quando a questão já não é o crime em si mesmo, mas a integração do indivíduo na sociedade".

Estas afirmações vão no mesmo sentido do que foi destacada na revisão da literatura sobre os valores-notícia: a criminalidade granjeia grande visibilidade por responder a critérios como negatividade, dramatização e impacto, frequentemente explorados no jornalismo popular (Vos & Finneman, 2017; Jewkes, 2015). A Entrevistada 3 explicita esta constatação ao dizer que: "o povo adora desgraças, sim, tudo o que seja desgraças de tipo, sei lá, vou inventar 'Mulher matou o marido à facada.' As pessoas clicam muito, por isso é que acho que o *Correio da Manhã* também rende muito, porque sabe que o povo gosta disso e procura histórias com isso."

A Entrevistada 2 chama a atenção para a necessidade de dar a conhecer a reinserção social: “para além da audiência que se calhar poderia dar, poderia fazer perceber a muita gente, académicos, profissionais, o papel da reinserção, o papel da reinserção não está a ser explicado para as pessoas. As pessoas não sabem o que é, quando digo que sou técnica de reinserção social pensam que eu sou da segurança social, quase assistente social”, evidenciando precisamente o que considera ser o desconhecimento da população relativo ao tema. A invisibilidade da reinserção ecoa também o que Frois (2020) questionava – “quem conhece realmente a prisão, para além dos guardas, reclusos, visitantes e profissionais ali presentes?”

Nem todos os entrevistados manifestaram a mesma posição de início: uma entrevistada observou que, embora raramente tematizada, a reinserção surge ocasionalmente em peças pontuais, mas com reduzido impacto público: “quando são falados [os projetos], é muito na ótica de um projeto que está a acontecer, por exemplo, ali em Sacavém. São notícias curtas ou então reportagens extensas, mas que também não chamam a atenção das pessoas” (Entrevistada 3). Ainda assim, ao longo da conversa, a própria reconheceu o desequilíbrio mediático entre criminalidade e reinserção: “Acho que essa parte da reinserção social sim, é algo que deveria ser mais falado. É algo que devia realmente estar na agenda mediática de uma forma mais presente.”

O sensacionalismo foi outra dimensão evocada ao longo das entrevistas. Todos entrevistados reconheceram que a cobertura tende a dramatizar o crime, reforçando estereótipos sobre autores de crime e ex-reclusos e invisibilizando a reintegração, como se torna explícito com uma das entrevistadas: “É assim: a resposta nua e crua é sim, é preciso um bocadinho sensacionalismo para nós nos aproximarmos do público, sim.” (Entrevistada 3). Esta percepção converge com a literatura que caracteriza o jornalismo popular/tabloide como mais emocional e espetacular (Uribe & Gunter, 2004; Sparks, 2010). No entanto, como salientaram autores como Dines (Rabaça et al., 1995), o sensacionalismo é parte também do jornalismo de referência, ainda que sob formas mais subtils – algo que os dados empíricos confirmam, como será analisado nas notícias.

Todos os entrevistados consideraram concordância que existe uma ligação entre o sensacionalismo e cultura de consumo portuguesa, com a justificação que: “o povo quer é ler desgraças, o povo quer é ler é pessoas que se mataram” (Entrevistada 4), bem como a identificação de que: “nós temos um órgão de comunicação em Portugal [referindo-se ao

Correio da Manhã] que prima pelo sensacionalismo, toda a gente sabe isso. Mas a verdade é que é o mais lido em Portugal.” (Entrevistada 3).

O código relativo à cultura portuguesa fez emergir a associação entre estigma social e representações mediáticas. A predominância de narrativas criminais reforça a imagem do ex-recluso como ameaça, dificultando o processo de reintegração. Este ponto encontra eco na literatura sobre a cultura do medo (Altheide & Coyle, 2006) e sobre o conceito de amplificação do desvio (Giddens, 2008), sugerindo que a ausência de narrativas sobre reinserção social de ex-recluso contribui para a perpetuação do estigma. Nesse sentido, o Entrevistado 1 alude a estas questões, quando identifica que: “o alarme social é algo muito mais premente e, portanto, quanto à prática do crime, é natural que também a pegada mediática seja maior”.

Apesar destas lacunas, os entrevistados salientaram o potencial transformador da visibilidade mediática. Um deles observou: “eu penso que o ponto não é tanto a dimensão da pegada mediática quando há prática do crime. O ponto é mais a escassez de comunicação ou o desinteresse comunicacional, quando o ponto já não é o crime, mas a integração do indivíduo na sociedade, e sentimos aqui uma grande margem de evolução” (Entrevistado 1). Outra das entrevistadas acrescentou: “A reinserção tem tudo para funcionar, agora o que é importante é tornar a reinserção pública, isto é, do conhecimento público, é as pessoas verbalizarem mais” (Entrevistada 2).

Estas afirmações remetem para a discussão académica sobre o papel dos media na construção de uma esfera pública inclusiva (Habermas, 2006; Couldry, 2012), em que dar voz à reinserção social pode significar não apenas informar, mas também legitimar políticas públicas e reduzir desigualdades de representação. O Entrevistado 1 identifica que, esta perspetiva, de uma existir melhor comunicação por parte dos órgãos de comunicação social, pode ser potenciada por uma maior abertura dos próprios Estabelecimentos Prisionais:

“(...) acho que a prisão deveria conseguir comunicar melhor aquilo que faz, sobretudo comunicar as suas finalidades e envolver-se com a Comunidade, para permitir realmente esta consciencialização, porque atrás desta comunicação mais aberta viriam com certeza, os órgãos de comunicação social que reproduziriam a estas verdades que hoje não encontram porque têm as portas da prisão fechadas ou pelo menos os muros são muito altos para se conseguir, em termos metafóricos, se conseguir realmente compreender a prisão.”

4.2. Análise das Notícias

A análise de 37 notícias – 19 do *Correio da Manhã* e 18 do *Público* –, relativas aos quatro eventos-baliza definidos (Covid-19, Lei da Saúde Mental de 2023, Amnistia Papal de 2023 e fuga de Vale de Judeus em 2024), permitiu verificar em que medida as percepções recolhidas nas entrevistas encontram correspondência no tratamento jornalístico.

Conforme estabelecido na metodologia, aplicou-se o modelo de *framing* de Entman (1993), operacionalizado em quatro dimensões: definição do problema, atribuição causal, avaliação moral e recomendação de solução. Para garantir uniformidade analítica, foram selecionados como unidades de análise os títulos, leads e fechos das notícias, reduzindo a influência das diferentes extensões e estilos entre os dois jornais.

No primeiro levantamento quantitativo, com a utilização do software MAXQDA, verificou-se que:

- a definição do problema foi a dimensão mais frequente, surgindo 19 vezes no *Correio da Manhã* contra 18 no *Público*;
- a avaliação moral registou 6 ocorrências no *Correio da Manhã* e 12 no *Público*;
- a atribuição causal apresentou valores semelhantes, 13 e 12 respetivamente;
- as recomendações de solução revelaram-se residuais, 4 no *Correio da Manhã* e 3 no *Público*.

Para aprofundar a leitura, e consequente análise, aplicou-se uma subcodificação inspirada na *Grounded Theory*, mas compatível com as categorias de Entman, sendo igualmente necessário alargar a análise à totalidade do corpo da notícia – permitindo uma análise mais aprofundada.

Assim, na definição do problema distinguiram-se enquadramentos como: sistema prisional falhado, recluso como ameaça ou reinserção como desafio; na atribuição causal, as responsabilidades foram atribuídas ao sistema, à sociedade ou ao indivíduo; na avaliação moral, identificaram-se tons condenatórios, empáticos ou estigmatizantes; e nas recomendações de solução, surgiram propostas como investimento na reinserção social, melhoria dos estabelecimentos prisionais ou endurecimento de penas.

A tabela abaixo apresenta a análise quantitativa das notícias, evidenciando a distribuição das ocorrências por categorias e subcódigos nos dois jornais em estudo.

| Código de origem | Subcódigo | Notícias | CM | PÚBLICO |
|-------------------------|--|-----------------|-----------|----------------|
| Definição do problema | | 37 | 19 | 18 |
| | Sistema Prisional como falhado | 8 | 2 | 6 |
| | Recluso como ameaça | 3 | 0 | 3 |
| | Reinserção como desafio | 1 | 0 | 1 |
| | Crime como falha individual | 0 | 0 | 0 |
| | Não identificados | | 17 | 8 |
| | | | | |
| Atribuição causal | | 25 | 13 | 12 |
| | Do sistema | 10 | 6 | 4 |
| | Da sociedade | 0 | 0 | 0 |
| | Do indivíduo | 0 | 0 | 0 |
| | Não identificados | | 7 | 8 |
| | | | | |
| Avaliação moral | | 18 | 6 | 12 |
| | Tom condenatório | 7 | 1 | 4 |
| | Tom empático | 2 | 0 | 1 |
| | Tom estigmatizante | 1 | 0 | 1 |
| | Não identificados | | 5 | 6 |
| | | | | |
| Recomendação de solução | | 5 | 4 | 3 |
| | Investimento na Reinserção Social | 1 | 0 | 1 |
| | Melhoria dos Estabelecimentos Prisionais | 1 | 0 | 1 |
| | Endurecimento de penas | 0 | 0 | 1 |
| | Não identificados | | 4 | 0 |

Tabela 1 – Análise quantitativa de notícias (elaboração própria)

4.3. Interpretação dos resultados

Para tornar os resultados mais explícitos, a tabela incluiu também a linha de “não identificados”, de modo a reconhecer todos os segmentos em que não foi possível aplicar qualquer subcodificação, apresentando, por vezes, valores significativos. A leitura da tabela revela três aspectos centrais:

1. Desde logo aquando da codificação de definição de problemas, e identificação dos subcódigos em causa: o *Correio da Manhã* endereça mais problemas - mas de forma menos densa. Apesar de registar 19 definições contra 18 no *Público*, as narrativas do *Correio da Manhã* são menos diversificadas, limitando-se a padrões repetitivos e genéricos. O *Público*, embora com ligeiramente menos registo, distribui-os de forma mais rica pelos subcódigos, revelando maior complexidade informativa e analítica.

Identificam-se, de seguida, alguns exemplos relativos à densidade informativa. Importa igualmente ressalvar que foi apenas no subcódigo respeitante ao sistema prisional como falhado que foi possível endereçar ambos os jornais, na medida em que nos restantes subcódigos, somente o jornal *Público* foi possível de codificar. Por último, tentou-se que a apresentação de exemplos corresponesse à mesma temática em ambos os jornais. Analisaremos, no seguinte caso, o tema referente à fuga de reclusos de Vale de Judeus:

- a) *Correio da Manhã*: “Segundo informações recolhidas pelo NOW, a PJ suspeita que um gancho do ginásio terá sido utilizado na fuga do passado sábado. Os investigadores suspeitam que, na manhã desse dia, o gancho foi retirado do ginásio do Estabelecimento Prisional.”⁵
- b) *Público*: “Prisão de Alcoentre tem um efetivo de 150 guardas prisionais, mas 15 estão de baixa, outros tantos de férias. Como era sábado, estavam 33 ao serviço. O Diretor-geral garante que “é um número normal”. A fuga aconteceu num momento em que os guardas estariam concentrados na fiscalização de visitas.”⁶

A distinção entre ambos parte do modo como o Correio da Manhã preza a atualidade e rapidez noticiosa, permitindo que a notícia em causa detenha apenas a informação transcrita como o corpo total da notícia, somando a que a informação fornecida se baseia em “suspeitas” da Polícia Judiciária, ainda em investigação. Ao passo que o *Público* identifica detalhes

5 <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/pj-suspeita-que-gancho-de-ginasio-tera-sido-utilizado-na-fuga-de-vale-de-judeus>

6 <https://www.publico.pt/2024/09/08/sociedade/noticia/novas-revelacoes-fuga-presos-vale-judeus-ponto-ponto-2103350>

concretos relativos à organização e qualidade do funcionamento do Estabelecimento Prisional em causa, no momento da fuga.

De seguida, analisamos, através da mesma abordagem, notícias referentes à Amnistia Papal, consequência da visita do Papa Francisco a Portugal em 2023, no âmbito das Jornadas Mundiais da Juventude, que perfazia a libertação de reclusos em circunstâncias concretas:

- c) *Correio da Manhã*: "O diretor-geral da Reinserção e Serviços Prisionais mostrou-se esta segunda-feira surpreendido com o número de reclusos abrangidos pela amnistia no âmbito da visita do Papa a Portugal, que levou à saída de mais de 160 pessoas das cadeias."⁷
- d) *Público*: "A amnistia decretada a propósito da vinda do Papa Francisco a Portugal abrangeu até agora 863 reclusos, de acordo com dados da Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. Destas 863 pessoas amnistiadas, apenas 232 foram libertadas até ao momento. As restantes 631 continuam na cadeia."⁸

Como já identificado anteriormente, o *Correio da Manhã* apresentou abordagens mais amplas, sendo este outro exemplo do caso – identificando que existe um fator de surpresa, contudo não especificando com informação enriquecedora e detalhada. Do lado do *Público* encontramos informação útil referente ao tema em causa - a quantidade categorizada de reclusos beneficiários da Amnistia Papal.

Por último na codificação referente à definição de problema, analisamos notícias referentes à pandemia Covid-19:

- e) *Correio da Manhã*: "(...) abordamos a possibilidade de o Estado vir a libertar os presos em fim de pena que façam parte dos grupos de risco da Covid-19. A medida está a ser estudada e a Ministra da Justiça, Francisca Van Dunem admitiu que nas próximas semanas pode haver a libertação de reclusos, após uma avaliação das medidas que decorrem do estado de emergência."⁹
- f) *Público*: "(...) nem todos os presos (...) abrangidos pelas medidas de clemência, se estas vierem a ser aprovadas pelo Parlamento, vão querer sair porque não têm para onde ir".¹⁰

7 <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/diretor-geral-das-prisoes-supreendido-com-numero-de-reclusos-abrangidos-pela-amnistia>

8 <https://www.publico.pt/2023/11/01/sociedade/noticia/amnistia-papal-beneficiou-ate-863-pessoas-232-sairam-prisao-2068649>

9 <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/investigacao-cm--presos-em-fim-de-pena-podem-vir-a-ser-libertados-devido-ao-coronavirus-veja-agora-na-cmtv>

10 <https://www.publico.pt/2020/04/08/sociedade/noticia/covid19-presos-vao-querer-sair-nao-onde-ir-1911428>

Tal como a diferenciação encontrada na temática da Amnistia Papal, voltamos a encontrar uma abordagem genérica em termos informativos do lado do *Correio da Manhã*, ao passo que o *Público* especifica concretamente o problema em causa, simultaneamente referenciando a importância e necessidade de um sistema que apoiasse os processos de reinserção social, permitindo mais apoio aos reclusos abrangidos pelas medidas referentes à libertação de reclusos no âmbito do Covid-19.

2. Através da análise, o *Público* surpreende demonstrando ser mais moralizador e propositivo.

Ao contrário do estereótipo do jornalismo popular como mais moralista (Esser, 1999; Sparks, 2000), é o *Público* que apresenta mais juízos de valor (12 contra 6), cobrindo os três tons codificados – Tom condenatório: “De facto, outro aspetto controverso desta amnistia diz respeito à circunstância de abranger também os processos disciplinares (...) e sem qualquer limite de idade”¹¹ – em que a utilização de termos como “controverso” e “sem qualquer limite”, tornam propensa uma leitura mais agressiva no que toca aos reclusos abrangidos pela amnistia papal. O tom empático, aqui exemplificado através de situações vividas pelos reclusos em contexto de Covid-19: "O que sabem é o que lhes dizem as notícias que veem na televisão (...) e percebem os cuidados que o Estado está a ter com o resto da população e não está a ter com eles."¹² – o segmento final da notícia potencia algum sentimento de condoimento perante os reclusos. Por último, no respeitante ao tom estigmatizante, não foi possível recorrer a qualquer codificação, na medida em que não se encontrou rescaldo nas notícias selecionadas, em nenhum no jornal em análise. Este último ponto torna-se interessante por si mesmo, como também na medida em que qualquer tipo de sentimento demonstrado do lado dos jornais, é direcionado a entidades (seja o Estado, seja os Estabelecimentos Prisionais) e não propriamente aos reclusos.

Do lado do *Correio da Manhã* a codificação da avaliação moral é identificada de modo mais subtil, contudo ainda presente. Não tendo sido possível subcodificar tendo em conta os mesmos casos que os do *Público* (Amnistia Papal e Covid-19), apenas encontramos identificações em excertos como: “Ambos foram confrontados com horários e procedimentos internos da cadeia”¹³, aquando se refere à audiência de dois guardas prisionais presentes no momento da fuga de reclusos de Vale dos Judeus. A utilização de expressões como “podia traduzir-se em internamentos sem fim”, alusivo à libertação de inimputáveis de acordo a nova

11 <https://www.publico.pt/2023/11/01/sociedade/noticia/amnistia-papal-beneficiou-ate-863-pessoas-232-sairam-prisao-2068649>

12 <https://www.publico.pt/2020/03/15/sociedade/noticia/nada-mudou-prisao-revolta-fim-visitas-1907783>

13 <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/guarda-que-nao-viu-fuga-nas-camaras-na-cadeia-de-vale-de-judeus-e-ouvido-pela-pj-amanha>

Lei da Saúde Mental, pode também ser considerada para a corrente análise, na medida em que a utilização da hipérbole na frase provoca uma ideia de des controlo da lei anteriormente em prática.

Além disso, é também no *Público* que são demonstradas recomendações de solução concretas, desde o investimento na reinserção – como por exemplo, na decisão do jornal optar por apresentar na sua notícia uma das passagens do discurso do diretor geral da DGRSP aquando a sua primeira entrevista após tomada de posse "(...) ‘aqui a economia é importante’ e quantas mais pessoas se puder ter fora das prisões mais se poupa: ‘É multiplicar por 365 dias e depois por 12.500 reclusos, é muito dinheiro’ (...)"¹⁴. Até à melhoria dos estabelecimentos prisionais, onde o jornal decide finalizar a notícia com a identificação de que: “Entre outras medidas, serão construídas quatro novas unidades de internamento em hospitais gerais, criadas 1500 vagas nos cuidados continuados e 40 novas equipas de saúde comunitárias.”¹⁵, demonstrando que está a existir um esforço para uma melhoria das condições dos Estabelecimentos Prisionais.

O *Correio da Manhã*, apesar de registar quatro menções à necessidade de soluções, não apresenta propostas específicas, ficando-se por um discurso mais vago, como por exemplo através do excerto da mesma entrevista referenciada acima, do diretor geral da DGRSP, Rui Abrunhosa Gonçalves, onde “ (...) defende que o Governo deve investir no reforço de guardas prisionais e de profissionais dos centros educativos, sob pena de, daqui a seis anos, não haver gente para trabalhar nestes locais.”.¹⁶ A escolha de registar essa passagem na sua notícia, demonstra o modo como o Correio da Manhã vê como uma potencial solução aos correntes problemas. Estes dados contrariam a literatura que associa o jornalismo de referência a maior neutralidade (Zamin, 2014; Duarte, 2013) e sugerem que, em contextos de crise, o *Público* pode assumir posturas discursivas mais intervencionistas, atenuando fronteiras tradicionais entre géneros jornalísticos (Hallin & Mancini, 2004).

3. Na análise das notícias, o tema reinserção social é praticamente invisível. O resultado mais expressivo é a quase total ausência da noticiabilidade do tema em causa, reforçando o pensamento e as opiniões dos entrevistados. Mesmo quando é noticiado, como durante a pandemia de Covid-19, a reinserção de ex-recluso surge apenas como nota secundária, centrada em aspectos logísticos – “nem todos os presos abrangidos vão querer sair porque

14 <https://www.publico.pt/2023/09/18/sociedade/noticia/amnistia-ambito-visita-papa-ja-libertou-160-pessoas-cadeias-2063703>

15 <https://www.publico.pt/2022/10/14/politica/noticia/parlamento-aprova-nova-lei-saude-mental-segue-especialidade-2024060>

16 <https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/diretor-geral-das-prisoes-supreendido-com-numero-de-reclusos-abrangidos-pela-amnistia>

não têm para onde ir”¹⁷ – sem existir problematização sobre os mecanismos de reintegração, existentes ou não, bem como sem referência ao modo como aturariam. Apenas uma porta aberta à especulação sobre o que se sucederá após a eventual saída dos reclusos. Esta marginalização confirma o que a revisão de literatura já indicava: os media portugueses privilegiam o crime como espetáculo (Vaz, 2020; Jewkes, 2015) e relegam a reinserção para um espaço institucional, opaco e inacessível (Cunha, 2008; Machado & Silva, 2019).

4.4. Articulação com a leitura

Estes resultados alinharam-se com a literatura sobre valores-notícia: a criminalidade continua a ser noticiado com frequência por responder à negatividade, ao conflito e ao dramatismo (Vos & Finneman, 2017; Harcup & O'Neill, 2017). Confirmam igualmente a tendência de invisibilidade estrutural da reinserção, sinalizada por diversos autores (Cunha, 2008; Machado & Silva, 2019; Frois, 2020).

Contudo, os dados contrariam parcialmente expectativas clássicas. O facto de o *Público* surgir mais moralizador e apresentar no seu corpo noticioso soluções ao tema em causa, sugere uma possível reconfiguração das fronteiras entre jornalismo de referência e popular. Em situações de elevada pressão pública, o jornalismo dito “de referência” pode assumir traços de dramatização e normatividade, ao passo que o jornalismo “popular”, embora mais prolífico, tende a apresentar narrativas menos densas e pouco orientadas para soluções. Este resultado confirma a hipótese de Hallin e Mancini (2004) de que as fronteiras entre géneros jornalísticos não são estanques, podendo diluir-se em contextos de crise.

4.5. Discussão expandida

A análise detalhada das dimensões de *framing* permite explorar com maior profundidade as implicações dos dados.

- **Definição do problema.** A maior frequência desta dimensão no *Correio da Manhã* confirma a tendência deste jornal para destacar acontecimentos através de narrativas simplificadas, mas pouco variadas. O *Público*, embora com menos menções totais, diversifica os enquadramentos (prisão como falhada, recluso como ameaça, reinserção

¹⁷ <https://www.publico.pt/2020/04/08/sociedade/noticia/covid19-presos-vao-querer-sair-nao-onde-ir-1911428>

como desafio), o que sugere maior esforço interpretativo e aproxima-se da função pedagógica associada ao jornalismo de referência (Zamin, 2014).

- **Atribuição causal.** Ambos os jornais, quando atribuem causas, remetem sobretudo para falhas do sistema prisional. A ausência de referências à sociedade ou ao indivíduo revela um enquadramento institucionalista que negligencia dimensões mais amplas de responsabilidade social e comunitária. A importância desta codificação ultrapassa não só a diferenciação entre jornais, como também aqueles que são os deveres do jornalista, na medida em que, tal como previsto em Diário da República, um dos deveres do jornalista é: “a) Informar com rigor e isenção, rejeitando o sensacionalismo e demarcando claramente os factos da opinião;”¹⁸
- **Avaliação moral.** Imprevisivelmente, o *Público* destaca-se nesta dimensão, dada o seu protagonismo nesta dimensão, contrariando a literatura clássica sobre jornalismo popular como mais moralista. A presença de tons condenatórios, empáticos e até estigmatizantes mostra que o jornal de referência também se envolve em julgamentos de valor, refletindo uma tensão entre neutralidade e intervenção discursiva. Este aspeto foi discutido no decorrer das entrevistas, com uma justificação comum entre entrevistados:

“Os órgãos de comunicação social fazem eco do sentimento social e enfim, e por contingências diversas acabam por ter também que se socorrer deste expediente e destas narrativas, muitas vezes até para sobreviver, porque pensando que as coisas têm que realmente ser notícia ser vendáveis e, portanto, é por vezes este discurso, nós sentimos, de forma empírica, que também acaba por ser condicionado por contingências económicas e de sobrevivência dos órgãos de comunicação social.” (Entrevistado 1)

- **Recomendações de solução.** A presença de potenciais propostas no *Público* – ainda que pontuais – contrasta com a vaga menção a “necessidades” no *Correio da Manhã*. Este aspeto sugere que, em determinados contextos, o jornalismo de referência pode ultrapassar a função meramente informativa, assumindo uma dimensão normativa, orientada para a sugestão de mudanças estruturais. Trata-se de uma atuação mais próxima da intervenção pública do que da neutralidade tradicionalmente atribuída a este género.

¹⁸ <https://diariodarepublica.pt/dr/legisacao-consolidada/lei/1999-34438975>

Em síntese, a análise evidencia três conclusões principais: (i) o *Correio da Manhã* cobre mais, mas com menor densidade; (ii) o *Público* demonstra-se como sendo mais moralizador e propositivo; e (iii) a reinserção social permanece invisível enquanto tema noticioso em ambos os jornais em análise, levando à pouca possibilidade de receção de informação útil para um debate público enriquecedor, em contrapartida à maior possibilidade, ou continuação do estigma perante ex-reclusos.

Estes resultados respondem aos objetivos do estudo, sugerindo novas questões para investigação futura: até que ponto estas tendências se repetem noutros jornais portugueses? E como poderão afetar as percepções públicas sobre criminalidade e reinserção de ex-reclusos? Que consequências concretas apresenta este vácuo noticioso nos processos de reinserção social? De que forma se pode colmatar este vácuo noticioso?

CAPÍTULO 5

Conclusões

A presente investigação teve como objetivo central analisar comparativamente a forma como os jornais *Correio da Manhã* e *Público* abordam a reinserção social, procurando compreender as diferenças entre jornalismo popular e jornalismo de referência e identificar as implicações dessa cobertura (ou da sua ausência).

Com base no levantamento e recolha de dados elaborada, bem como a sua análise, perfaz uma conclusão: a constatação da escassez da temática da reinserção social na agenda mediática portuguesa. Tanto as entrevistas realizadas como a análise noticiosa convergem na mesma direção: a reinserção social de ex-reclusos surge raramente, quase sempre de forma tangencial, e nunca como processo estruturado.

As entrevistas, de carácter exploratório e analisadas segundo os princípios da *Grounded Theory*, mostraram um consenso alargado entre os participantes das duas áreas em estudo — comunicação social e reinserção social. Os entrevistados sublinharam a ausência de atenção mediática e destacaram o predomínio do crime como foco noticioso. Como afirmou o Entrevistado 1: “há uma décalage muito grande entre a comunicação sobre a prática criminal e a comunicação em matéria de reinserção social”. Do mesmo modo, a Entrevistada 2 reforçou: “o crime é que é importante; não havia uma pergunta sobre reinserção”. Tal associação é justificada, por vários entrevistados, com a necessidade de venda, para a subsistência de qualquer jornal: “Sim, audiência (risos) audiência, cliques (risos). Ponto, é isso, é essa a única preocupação do jornalismo, porque é assim que tu pagas a ordenado a jornalistas ponto.” (Entrevistada 4)

Outro ponto pertinente emergiu da categoria “cultura portuguesa”: todos os entrevistados reconheceram que a invisibilidade do tema está relacionada com os hábitos de consumo noticioso do público português, mais atraído por narrativas de tragédia e violência. Como referiu a Entrevistada 4: “O povo não quer ler isso, o povo quer é ler desgraças, o povo quer é ler pessoas que se mataram”.

A análise noticiosa, desenvolvida a partir da aplicação do modelo de *framing* de Entman (1993), confirmou esta percepção. A ausência de resultados nas pesquisas preliminares, a reduzida frequência de referências ao tema e a sua marginalidade mesmo nos momentos de maior atenção pública (como durante a pandemia de Covid-19) demonstram que a reinserção social não é tratada como prioridade editorial.

As implicações desta não-noticiabilidade são significativas. Para além de contribuir para a perpetuação do estigma associado a ex-reclusos, a sua invisibilidade não propicia à criação de um debate público informado sobre o papel da reinserção na sociedade. Como reconheceu o Entrevistado 1, a falta de visibilidade compromete aspectos centrais, como o acesso ao mercado de trabalho: “é no mercado de trabalho que vai impedi-los de ter um acesso mais normalizado, numa situação que devia ser de integração”.

Convém, no entanto, reconhecer algumas limitações do estudo. A ausência de participação de jornalistas diretamente ligados ao *Público* e ao *Correio da Manhã* reduziu a possibilidade de recolher testemunhos mais concretos sobre práticas editoriais na área de ação a ser investigada, limitando a diversidade de perspetivas no corpus de entrevistas. Do lado noticioso, a escassez de peças que tratasse explicitamente a reinserção constituiu simultaneamente um obstáculo metodológico e um dado empírico relevante, confirmando a invisibilidade do tema. Acresce que a codificação do material, desenvolvida em duas fases — estrutura-base e subcodificação —, revelou dificuldades de aplicação consistente, uma vez que nem sempre foi possível identificar de forma clara os *frames* nos segmentos analisados. Finalmente, a ausência de entrevistas com ex-reclusos impediu uma avaliação direta do impacto mediático sobre os próprios sujeitos da reinserção, ficando esse efeito apenas apreendido através das percepções de técnicos da área.

Em síntese, esta dissertação permitiu confirmar empiricamente a existência de um vácuo noticioso sobre reinserção social e compreender as suas potenciais consequências, tanto para os ex-reclusos como para a sociedade em geral, ainda que com as limitações referidas.

Os entrevistados envolvidos, principalmente, os técnicos de reinserção social, identificam possibilidades de como solucionar esta invisibilidade mediática. Seja através de programas como o Reshape Ceramics, referido pelo Entrevistado 1, como uma boa possibilidade de visibilidade, apesar de não ter sido a finalidade concreta do programa: “(...) hoje a Reshape Ceramics (...) é a nossa maior ferramenta de comunicação, porque efetivamente à volta da Reshape Ceramics, nós conseguimos comunicar aquilo que fazemos enquanto organização, também a Reshape Ceramics, para além das peças, serem bonitas e vistosas, elas acabam por também conduzir as pessoas para a missão da Reshape. E nesse (...) sentido, acaba por funcionar muito bem enquanto elemento de comunicação. É também na Reshape Ceramics, que funciona dentro e fora da prisão, que nós conseguimos trazer visitas relevantes e com elas trazer a comunicação social, então tem sido frequente também essa dimensão.” (Entrevistado 1). Seja

através de programas como o idealizado por Rui Nabeiro, fundador da Delta, como identificado pela Entrevistada 2: “(...) reclusos trabalhavam, no estabelecimento prisional, nomeadamente Lisboa, para a empresa delta, e chegaram, alguns, a ser contratados. (...) isso é uma forma de reinserção. Se calhar há mais empresas, se isto for Público, não é? Se calhar há empresas que depois digam “Ah olha, se calhar isto até tem um efeito” (Entrevistada 2). Ambos referem que, se programas como os referidos tivessem mais visibilidade, permitiria não só um maior conhecimento sobre o que é a reinserção social, como se concretiza e qual a finalidade do processo, permitindo um maior espaço de discussão pública informada, como também poderia potenciar uma redução do estigma associado ao ex-recluso.

Referências Bibliográficas

- Aggari, A. N. B., Cabael, A. L. F., & Peralta, P. D. (2025). Aftermath of Incarceration: A Phenomenological Investigation of Ex-Inmates' Reintegration to Society. *Sukisok*, 5(1), 1-1
- Ahmad, T., Ashraf, H., & Ahmad, M. (2017). Challenges Faced to Ex-Prisoners in Social Reintegration (A Study of Union Council Kunda). *University of Swabi Journal*, 1, 25-38
- Albino, M. C. (2004). Reinserção social-perspectivas para o século XXI. *Direito e Justiça*, (Especial), 269-283
- Altheide, D. L., & Coyle, M. J. (2006). Smart on crime: The new language for prisoner release. *Crime, Media, Culture*, 2(3), 286-303
- Borges, S. (2014). Opinião Pública: história, crítica e desafios na era transnacional. Exedra: Revista Científica, (9), 86-103
- Camalhão, S., & Casanova, J. L. (2012). Entrevista como técnica em terreno das reformas da justiça. *Entrevista como técnica em terreno das reformas da justiça*
- Caple, H. (2018). News values and newsworthiness. In *Oxford research encyclopedia of communication*
- Correia, J. C. (2011). O admirável mundo das notícias: Teorias e métodos. LabCom
- D'angelo, P. (2002). News framing as a multiparadigmatic research program: A response to Entman. *Journal of communication*, 52(4), 870-888
- Duarte, A. I. (2013). *O Público e o Jornalismo de Referência*
- Entman, R. M. (1993). Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51–58
- Ferreira, G. B. (2018). *Sociologia dos Novos Media*. LabCom.IFP
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir*. Leya

Frois, C. (2020). *Prisões*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos

Giddens, A. (2008). *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian

Grabe, M.E. and Kleemans, M. (2012). Tabloid Press. In The International Encyclopedia of Communication, W. Donsbach (Ed.)

Harcup, T., & O'neill, D. (2017). What is news? News values revisited (again). *Journalism studies*, 18(12), 1470-1488

Jewkes, Y. (2015). Media and crime

Khawar, S., & Boukes, M. (2024). Analyzing sensationalism in news on Twitter (X): Clickbait journalism by legacy vs. online-native outlets and the consequences for user engagement. *Digital Journalism*, 1-21

McCombs, M. E., & Shaw, D. L. (1972). The agenda-setting function of mass media. pp. 176-187

Midões, M. (2007). *Crise no Espaço Público, Agenda-Setting e Formação da Opinião Pública*, 1-16

Neveu, E. (2017). Revisiting the “story vs. information” model. *Journalism Studies*, 18(10), 1293-1306

Peters, C. (2011). Emotion aside or emotional side? Crafting an ‘experience of involvement’ in the news. *Journalism*, 12(3), 297-316

Rabaça, C. A., & Barbosa, G. G. (1995). Dicionário de Comunicação. Em G. G. Carlos Alberto Rabaça, Dicionário de Comunicação. Campos

Ryan, C., Carragee, K. M., & Meinhofer, W. (2001). Theory Into Practice: Framing, the News Media, and Collective Action. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 45(1), 175–182

Steenveld, L., & Strelitz, L. (2010). Trash or popular journalism? The case of South Africa’s Daily Sun. *Journalism*, 11(5), 531-547

Turner, G. (1999). Tabloidization, journalism and the possibility of critique. International journal of cultural studies, 2(1), 59-76

Uribe, R., & Gunter, B. (2004). Research note: The tabloidization of British tabloids. European Journal of Communication, 19(3), 387-402

Vaz, M. J. (2020). A construção do crime na imprensa. Revista Portuguesa de História, 151-170

Visher, C. A., & Travis, J. (2003). Transitions from prison to community: Understanding individual pathways. *Annual review of sociology*, 29(1), 89-113

Vos, T. P., & Finneman, T. (2017). The early historical construction of journalism's gatekeeping role. Journalism, 18(3), 265-280

Vreese, C. D., & Boomgaarden, H. (2003). Valenced news frames and public support for the EU

Wolf, M., & de Figueiredo, M. J. V. (1987). *Teorias da comunicação*. Presença

Zamin, A. (2014). Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, 21(3), 918-942

Anexo 1 | Guião de entrevista semiestruturada a jornalistas

1. Pode contar-me um pouco sobre o seu percurso profissional no jornalismo?
2. No seu dia-a-dia profissional, é polivalente em temáticas que escreve, ou tem algum foco delimitado?
3. Há fatores externos que influenciam os temas que escolhe ou a forma como os aborda?
4. Pode descrever, brevemente, como se processa a seleção dos temas que são noticiados?
5. Na sua consideração pessoal, qual o papel do jornalismo na sociedade?
6. Na sua opinião, que temas identificaria como sendo mais atrativos para os leitores?
7. Sente que, enquanto jornalista, tem uma responsabilidade pública acrescida?
 - a. Se sim, tal sentimento, alguma vez o/a limitou?
8. Recorda-se de algum momento se autocensurou no processo de escrita?
9. Considera que o crime é alvo de maior noticiabilidade, do que a Reinserção Social?
 - a. Se sim, porquê? Que fatores acredita que possam contribuir para tal?
10. Acredita que esta parca cobertura noticiosa da Reinserção Social, parte do próprio jornalismo, ou da falta de conhecimento geral relativo à Reinserção Social?
11. Como jornalista, considera necessária a utilização do sensacionalismo para noticiar o crime?
 - a. E, acha que também se aplica à Reinserção Social?
12. No que toca à sua experiência profissional, e também numa perspetiva pessoal, acredita que os jornalistas podem ter um papel ativo na sensibilização para os processos de Reinserção Social, ou crê que deve partir de outra fonte?
13. Acredita que o jornalismo tem o poder de alterar percepções sociais e reduzir o estigma existente sobre ex-reclusos?
14. Se tivesse liberdade total para abordar tanto o tema do crime, como da Reinserção Social, que *guidelines* seguiria?

Anexo 2 | Guião de entrevista semiestruturada a técnicos de reinserção social

1. Pode contar-me um pouco sobre o seu percurso profissional no que toca à Reinserção Social?
2. O que o motivou a seguir esta área?
3. Na sua opinião, como é que a sociedade encara a Reinserção Social?
4. Sente que existem estigmas associados a ex-reclusos?
 - a. Se sim, considera que esses estigmas impactam negativamente os processos de Reinserção Social?
5. Considera que a Reinserção Social tem pouca visibilidade na comunicação social? Principalmente comparando com a noticiabilidade do crime?
 - a. Se sim, acredita que esta falta de visibilidade impacta negativamente os processos de reinserção social?
 - i. Se sim, de que forma?
6. Considera que o jornalismo poderia ter um papel mais ativo na promoção de conhecimento sobre os processos de Reinserção Social?
 - a. Se sim, de que modo?
7. Trabalhando na área, acredito que já tenha estado perante casos de sucesso em processos de Reinserção Social. Acredita que dar mais visibilidade a histórias de sucesso, poderia ajudar a mudar as percepções públicas?
8. Na sua opinião, que tipo de abordagem mediática ajudaria a promover uma visão mais realista sobre a Reinserção Social?
9. Alguma vez foi contactado por jornalistas para falar sobre Reinserção Social?
 - a. Caso sim, como foi essa experiência?
 - b. Caso não, acredita que seria benéfico que acontecesse?
10. Falando de momentos concretos da história, relativamente à vinda do papa a Portugal em 2023. Numa notícia lançada pelo Público a 1 de novembro de 2023, identificava que a Amnistia papal tinha beneficiado até essa data 863 reclusos, 232 dos quais tinham saído da prisão. Sentiu este fluxo no seu dia-a-dia de trabalho?
 - a. Se sim, de que forma?
 - b. Se não, como se sentiu ao saber que esta era a informação que esteve a ser partilhada nos noticiários?
11. Já em contexto COVID-19, muitas notícias se lançaram relativas à saída de reclusos de modo a reduzir a lotação das prisões e, consequentemente, prevenir o contágio em larga

escala. Complementando essas notícias, muito se falou no facto de existirem casos de reclusos que não pretendiam sair, não teriam para onde ir, nem uma rede de apoio que lhes fosse útil. Acredita que este tipo de comunicação, demonstrativa de casos de reclusos que preferem manter-se em reclusão, afeta negativamente a visão que se tem sobre os processos de reinserção social?

12. Se tivesse essa oportunidade, que mudanças desejaría realizar no modo como se apresenta o tema da Reinserção Social na agenda mediática?